

ATENÇÃO: TODOS OS DIREITOS DESTA EDIÇÃO ESTÃO
RESERVADOS PARA CEAP - CENTRO DE ARTICULAÇÃO DE
POPULAÇÕES MARGINALIZADAS. A UTILIZAÇÃO PARCIAL OU TOTAL
DESTA OBRA SEM PRÉVIA AUTORIZAÇÃO IMPLICA EM PENA, NA LEI
BRASILEIRA DOS DIREITOS AUTORAIS.

Cadernos



O Negro na Educação e nos Livros
Didáticos Rosália de Oliveira Lemos

Rosália de Oliveira Lemos

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

Ministério da Justiça
Secretaria Nacional de Direitos Humanos Projeto Cidadania e Direitos Humanos

Pensando alto sobre o tema

Falar sobre educação no Brasil, sob a ótica etno/racial¹ é falar sobre desigualdade no acesso aos bancos escolares vivida pela população não branca. De acordo com Barcelos “um negro com curso superior completo é “sobrevivente” do sistema educacional e, ademais, enfrentará sistemática discriminação no mercado de trabalho. (p. 55)”.

Assim, o objetivo desta cartilha não é o de se aprofundar em intermináveis análises sobre a questão da distância entre os conteúdos dos livros didáticos e a realidade dos alunos. E nem da possível comodidade dos professores em utilizá-los, como único recurso pedagógico. Na verdade, inúmeros trabalhos se dedicaram a este estudo. Apresentaremos, portanto, a discussão sobre os motivos que levam os livros didáticos a apresentar os afro-descendentes de maneira tão distorcida e preconceituosa. Na verdade, isto vale tanto para sua contribuição científica quanto suas mais variadas formas de participação na vida econômica, cultural e política do nosso país.

E mais, é nosso objetivo entender o processo que leva - e levou - à construção de imagens pejorativas, que retratam os afro-brasileiros nos livros didáticos.

Apresentaremos, inicialmente, uma breve reflexão sobre a importância da classificação e da contradição quando ela é usada para manter privilégios e discriminações. A este item demos o nome de *Olhares que fazem os livros didáticos*.

Na segunda parte, *Esta sociedade brasileira...*, mostraremos as origens que levaram pessoas a desenvolver este *olhar* e para isso iremos um pouco longe, resgatando o período colonial até os dias atuais. Pretendemos discutir os motivos que solidificaram o racismo, usando livros didáticos como disseminadores desta ideologia.

Na terceira, *Os movimentos sociais procuram modificar esta situação*, teremos a análise do papel dos movimentos sociais, em especial os Movimentos Negros e o Feminista Negro, que funcionam como “vigias” estando alerta aos

¹ Pretendo utilizar raça/etnia no lugar de raça, por entender que os seres humanos são originários de um mesmo tronco, ou seja, pertencem a uma mesma espécie humana, não tendo sentido classificar raças diferentes, uma vez que, pela definição clássica, as raças são conjuntos de seres que ocupam determinado território e geneticamente semelhantes. Porém, segundo estudos atuais da engenharia genética, num mesmo grupo a variação genética é consideravelmente grande, aproximando muitas vezes o mapa do DNA a grupos diferentes fisicamente.

absurdos que o racismo e sexismo provocam nos afro-descendentes e na sociedade como um todo.

Na quarta parte, *A criança, o jovem e a formação do conhecimento*, tais influências serão analisadas, quando são crianças e jovens os receptores das mensagens segregacionistas. Assim, encontrar alternativas que combatam o racismo e comentar ações junto à população, que de fato irá ser a responsável pela sua erradicação torna-se urgente. Crianças e adolescentes são imprescindíveis neste processo.

Na quinta parte, *São os livros didáticos os vilões?*, tentaremos indagar sobre o papel do professor na utilização deste recurso didático. Preguiça? Comodismo? Simplificação do trabalho docente? Enfim, tentaremos pensar alto sobre a utilização dos livros didáticos no trabalho docente.

Por último, *Muito além dos livros didáticos*, apresentaremos algumas alternativas para auxiliar no surgimento de uma nova ética, baseada no respeito à diversidade cultural existente em nosso país, vislumbrando uma prática pedagógica que não tenha apenas a utilização do livro didático como recurso único e insubstituível, mas a introdução de outras atividades para aguçar a criatividade e a riqueza existente em cada sala de aula, em cada escola comunitária, enfim em qualquer grupamento que busca uma educação verdadeiramente democrática.

Olhares que fazem os livros didáticos

Historicamente, os seres humanos buscam classificar tudo o que está a sua volta. Todos os mares têm um nome, todos os montes, rios, ruas... Se fôssemos continuar enumerando, esta cartilha não teria fim!

A classificação é algo muito importante, pois unifica e facilita a veiculação da informação. Assim, ela é democrática, pois garante acesso ao conhecimento, ao torná-lo público e acessível a todos, independente das pessoas terem ou não condições de acessá-lo.

Entretanto, as classificações trazem sempre a influência de quem está determinando as terminologias. Tais influências são de diversas ordens: sociológica, psicológica, econômica ou cultural. Classificar, portanto, nunca é se isentar. Sem contar que o acesso às informações diariamente produzidas é restrito a poucas pessoas.

Por outro lado, as classificações possibilitam o encontro entre culturas, sendo imprescindíveis na vida em sociedade que é diversa. Tzvetan Todorov (1991) procurou em seu livro *A conquista da América: a questão do outro*, analisar a colonização portuguesa e espanhola, e sobre esta última chega a uma

conclusão interessante quando nos fala que " a conquista da informação leva à conquista do reino" (p.101), já que Cortez procurou conhecer cada signo, cada palavra, cada significado da civilização Asteca, para em seguida derrotar Montezuma.

O outro nome que podemos citar como sendo de grande importância para a compreensão das relações abordadas por nós, é o de Albert Memmi (1977), em seu belíssimo livro analisando a colonização. Em *O retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*, o autor ressalta acerca do colonizado:

A liquidação da colonização é apenas um prelúdio à sua libertação completa: à reconquista de si. Para libertar-se da colonização foi necessário partir da sua própria opressão, das carências de seu grupo. (...) Será preciso que se conquiste livre em face da religião de seu grupo, que poderá conservar ou rejeitar, mas deve deixar de existir somente por meio dela. Assim também no que se refere ao passado, à tradição, à etnicidade, etc... Em resumo, deve deixar de definir-se pela categorias colonizadoras. (p. 126)

E são as categorias dos colonizadores, da classe dominante, que são usadas para perpetuação de estigmas e preconceitos, pois elas baseiam-se num olhar diferenciador em relação ao que ela julga ser inferior – em questão, o negro, ou melhor, o não branco.

Um outro exemplo que podemos citar, como categorias advindas do desenvolvimento científico que reforçam os estigmas em relação ao negro, data da década de sessenta, quando inúmeros cientistas americanos desenvolveram diversas teses relacionando inteligência à raça. Segundo Eysenck (1971), tais teorias tiveram origem:

Quando os Estados Unidos entraram na primeira Guerra Mundial, adotou-se amplamente a testagem das capacidades mentais dos alistados, (...) A inferioridade observada dos soldados negros nestes testes foi então interpretada (bastante erroneamente) como prova de inferioridade racial com uma base genética (...) Assim, nasceu um mito de inferioridade racial inata, criado com o que se alegou ser estudo científico através do uso de testes de inteligência. (pp. 19 e 20)

Ainda que, para o autor, não exista necessidade em dizer que tais dados não sejam considerados com seriedade hoje em dia, a crença consolidada pelo poder que um mito desempenha na mente das pessoas, é incontestável. Por isso,

a ideologia racista persiste até os dias atuais e de vez em quando ela volta à tona com novos discursos, porém mantendo a essência discriminatória.

Recentemente, tais idéias foram novamente levantadas na sociedade americana, mas tiveram em Cornel West (1994) a resposta necessária, com a edição do livro *Questão de Raça*, quando o afro-americano professor de Havard² analisa o papel que a comunidade negra deverá desempenhar, uma vez que:

O objetivo fundamental desse processo é substituir o raciocínio de base racial pelo raciocínio de base moral, compreender a luta dos negros pela liberdade como uma questão não de pigmentação da pele ou de fenótipo racial, mas de princípios éticos e sabedoria política... (p. 41)

E para que possamos reconstruir tal classificação - de que ser negro determina estar em posição inferioridade na sociedade, baseada no discurso de cunho racial - deveremos ir além do reconhecimento de tal fato. Para tal, temos que nos valer de todos os meios de comunicação, visando o surgimento de novos princípios éticos. Televisão, revistas, rádios, cartilhas, livros didáticos e outros deverão ser nossos aliados. Esta cartilha é uma dentre as inúmeras contribuições para o alcance deste objetivo. Nosso público alvo são os jovens, isto porque, no processo de construção de valores numa sociedade são as crianças e jovens o público principal para perpetuação e consolidação de valores. Para ilustrar o que falamos, gostaria de relatar o que minha filha, mestiça, viveu no seu processo de ensino/aprendizagem:

Teule aos 3 anos sempre desenhava bonecas com cabelos loiros. Eu perguntava a ela porque fazia aquilo e sempre ouvia a mesma resposta: "Ah, mãe, eu não sei, eu gosto". A cada desenho de criança, ou minha imagem, era sempre a mesma coisa, o cabelo era loiro. Então mais uma vez eu perguntava, e ela me respondia: "Ah, mãe, loiro é mais bonito".

Passei então a discutir constantemente com ela os desenhos, na verdade eu estava "marcando duro", porém com muito cuidado, pois se tratava de uma criança em processo de construção de seu conhecimento e personalidade. Assim, a cada desenho eu falava que eu era negra, que o cabelo dela era negro e que ela deveria gostar disto. Um belo dia ela trouxe um desenho da escola, tendo a boneca cabelo preto por cima e loiro por baixo.

E o processo continuava, eu perguntava e ela se esquivava. Durante muito tempo continuamos nossa caminhada em busca de trabalhar a auto-estima de minha filha. Resolvi parar de ser tão indireta e, aos 4 anos, passei a ser mais en-

² Universidade Americana com tradição de ser uma das melhores do mundo, onde o corpo docente é minuciosamente escolhido, só fazendo parte dele os melhores professores.

fática na busca de entender o que se passava dentro da cabeça de minha filha. Filha de uma mulher negra e militante.

Certo dia ela me disse: "Eu sei mãe, você é negra mas eu gosto de fazer seu cabelo loiro, pois eu acho mais bonito, mas você não está vendo que tem um preto por cima?". Eu estava verdadeiramente arrasada, achando que meu trabalho não daria certo. Até que um dia, já com 5 anos, ela chegou com um desenho no qual a boneca estava totalmente com cabelos pretos, foi uma vitória.

Experiências como esta ocorrem todos os dias em inúmeros lares negros e mestiços, porém cabe estarmos atentos e comprometidos com a mudança da visão do afrodescendente neste país. Este depoimento mostra como a família é importante na desconstrução do racismo e na construção da autoestima das crianças. Se deixarmos a sociedade incumbida da tarefa de "educar" os jovens, para viver e respeitar a diversidade, certamente teremos um trabalho a mais, que será o de reconstruir o respeito a todos os habitantes do planeta que são vítimas de racismo. É importante trabalhar, junto aos jovens e crianças a percepção de que a diferença étnica é universal.

Neste sentido, a seguir apresentaremos percepções sobre a sociedade da qual fazemos parte. Veremos como esses valores foram se consolidando com tempo e, passaram a fazer parte da construção do saber através do poder simbólico dos livros didáticos, sob a luz de alguns estudiosos.

Esta sociedade brasileira...

A literatura está repleta de autores clássicos - tais como Gilberto Freyre(1975), Sérgio Buarque de Holanda (1971) e de contribuições recentes valorosíssimas como Moura (1988), Skidmore (1989), Fernandes (1979) e Schwarcz (1993), dentre outros - que se dedicaram ao estudo do processo de formação da sociedade brasileira e da relação inter-étnica. Estas obras foram desnudando os estigmas e colocando uma lupa nas visões preconceituosas acerca da raça/etnia negra no Brasil.

Só para ilustrar, vale citar Moura (1988), que traz em sua pesquisa junto aos afro-descendentes, sua auto-classificação .

No recenseamento de 1980, por exemplo, os não-brancos brasileiros, ao serem inquiridos pelos pesquisadores do IBGE sobre a sua cor, responderam que ela era: acastanhada, agalegada, alva, alva-escura, alvarenta, alvarosada, alvinha, amarelada, amarela-queimada, amarelada, amorenada, avermelhada, azul, azul-marinho, baiano, bem branca, bem clara, bem morena, branca, branca avermelhada, branca melada, branca morena,

branca pálida, branca sardenta, branca suja, branquiça, branquinha, bronze, bronzeada, bugrezinha escura, burro-quando-foge, cabocla, cabo verde, café, cefé-com-leite, canela, canelada, cardão, castanha, castanha clara, cobre corada, cor de café, cor de canela, cor de cuia, cor de leite, cor de ouro, cor de rosa, cor firme, crioula, encerada, enxofrada, esbranquicento, escurinha, fogoió, galega, galegada, jambo, laranja, lilás, loira, loira clara, loura, lourinha, malaia, marinheira, marrom, meio amarela, meio branca, meio morena, meio preta, melada, mestiça, miscigenação, mista, morena bem chegada, morena bronzeada, morena canelada, morena castanha, morena clara, morena cor de canela, morenada, morena escura, morena fechada, morenã, morena prata, morena roxa, morena ruiva, morena trigueira, moreninha, mulata, mulatinha, negra, negrota, pálida, paraíba, parada, parda clara, polaca, pouco clara, pouco morena, preta, pretinha, puxa para branca, quase negra, queimada de praia, queimada de sol, regular, retinha, rosa, rosada, rosa queimada, roxa, ruiva, russo, sapeca, sarará, saraúba, tostada, trigo, triqueira, turva, verde, vermelha, além de outros que não declararam a cor. O total de cento e trinta e seis cores bem demonstra como o brasileiro foge de sua realidade étnica, da sua identidade, procurando através de simbolismos de fuga, situar-se mais próximo o possível do modelo tido como superior". (p. 63)

Apesar de termos tido outro censo, esta vastidão de designações não foi desconstruída com a campanha "não deixe sua cor passar em branco". Neste sentido, somos levados a pensar que a maneira como os afro-brasileiros se vêem e se (auto)denominam, encontra suas raízes no processo de formação da sociedade brasileira, que se pautou na escravidão de nações consideradas inferiores e, portanto, passíveis de serem dominadas. Assim, eles próprios parecem ter incorporado este sentimento de inferioridade étnica presente no discurso oficial.

Para Gomes (1994):

Nas condições históricas em que se processou a colonização do Novo Mundo, o trabalho compulsório decorreu de necessidades impostas pelos mecanismos do sistema colonial. Assim o elemento mercantil-escravagista comandou todo o movimento colonizador. A bem-sucedida empresa colonial nutriu-se, inevitavelmente, de ideologias auto-justificadoras, que se traduziram numa série de concepções e atitudes desfavoráveis diante dos povos dominados...E as noções de selvageria desenvolvidas nos séculos XVI e XVII constituíram as potencialidades e previram o destino daqueles que a subjugavam. Essas antigas e vagas noções, em contato com as novas

circunstâncias, cristalizaram-se em valores e comportamentos nem sempre idênticos, mas invariavelmente enfatizando a suposta superioridade européia". (p. 26)

Durante a colonização do Brasil, não só ocorreu a ignorância na subjugação das outras culturas e a exploração econômica de alguns grupos - mais especificamente, o indígena e o africano -, como se constatou um equívoco na forma de *olhar* estas outras culturas, pelo fato dos colonizadores não partilharem e, muito menos, respeitarem os valores do *Outro*.

Visando garantir a supremacia, os colonizadores disseminaram informações absurdas, fruto de um imaginário prepotente, propagando idéias errôneas sobre os povos africano e indígena. Para ilustrar, vale mencionar a afirmação de Jean Bodin (em citação de Gomes, 1992) de que "os habitantes das regiões meridionais tinham fortes inclinações à lubricidade, e que tal luxúria, incontrolável, conferia resultados inquietantes" (p. 26).

Estas imagens eram construídas pelo colonizador numa tentativa de ampliar o seu poder, a sua superioridade. Como bem definiu Memmi (1977), "longe de procurar o que poderia atenuar seu exílio, aproximá-lo do colonizado, e contribuir para a fundação de uma cidade comum, o colonialista salienta, ao contrário, tudo aquilo que os separa" (p. 69).

E esta separação é a raiz da perpetuação das discriminações. E, para Pirsig (1991, p. 79), "a discriminação é a divisão do universo consciente em diversas partes" e, neste sentido, para os negros a separação foi acentuada no cotidiano de suas vidas e a eles foram relegadas as piores partes do universo consciente. Por isso, eles passaram a sofrer inúmeros estigmas.

Você deve estar pensando que a colonização foi uma verdadeira agressão à natureza, onde as espécies que nela habitavam, incluindo-se os índios e negros, pertenciam ao senhor latifundiário. E, foi isso mesmo!

Quem sabe não está aí o cerne do "desenvolvimento econômico" empreendido pela classe dominante que põe em risco a vida da população mundial na atualidade. Isto ocorre porque este modelo de desenvolvimento, segundo Mieis (1992), é altamente centralizador de riqueza e disseminador de miséria. E todos sabemos que no grupo dos mais miseráveis estão os negros e miscigenados.

E, para conseguir a acumulação de riqueza, os colonizadores usaram toda sua criatividade ambiciosa. Era comum a utilização da religião e da espiritualidade dos povos subjugados, para os portugueses atingirem seus objetivos. Tudo na mais "pura intenção" de perpetuar a espécie européia. Para Moura (1988) "da mesma forma como se justificava a escravidão do negro pela

sua condição de " bárbaro", justificava-se, concomitantemente, a perseguição às suas religiões, por serem fetichistas, animistas e demais designativos" (p. 53).

Somos sabedores e sabedoras das inúmeras perseguições, da violência, do dia a dia " cão" vivido pelos afro-descendentes. E mais, a origem das categorias discriminatórias encontram neste processo inicial de formação do Brasil, um alicerce forte e inabalável.

Parece absurdo, mas de acordo com alguns teóricos do século XIX, devido à natureza luxuriante dos trópicos o branco se rendeu à mestiçagem, o que teria contribuído para a não demarcação dos limites entre as raças no Brasil. Não importa neste momento o que disseram, mas daquilo que eles classificavam como " tolerância" nasce o mulato, um ser " híbrido", que serviu de análise nas inúmeras teses racistas da época. Fossem elas de apoio ou de repúdio. Segundo Skidmore (1989), os mulatos "eram olhados como perdidos para a raça superior - um processo que, se a miscigenação fosse praticada em larga escala, poderia vir a ameaçar seriamente a predominância numérica da raça " superior" (p. 71).

Contrariando o pensamento de Darcy Ribeiro (1995), é certo que não " somos uma nação etnicamente unificada e coesa, sem qualquer contingente oprimido a disputar a autodeterminação³". Esta crença é mais uma das armadilhas dos alicerces da perpetuação do mito, que nos leva a uma falsa crença de que vivemos numa democracia racial. Poderíamos citar inúmeros incidentes que mostram o quanto o racismo está presente nesta sociedade. É o caso, por exemplo, do candomblé, cujo estudo não é incentivado em nenhuma escola como o é o da religião católica.

O fato é que a concentração de melanina, substância química responsável pela pigmentação da pele, marca este corpo negro e consolida o preconceito etno-racial, fundamentando a ideologia racista, que tem se mostrado cruel ao longo dos tempos.

Veja só como é a molécula da melanina:

Independente de quanto desta substância você apresenta no seu corpo, existe uma pretensa democracia racial (mito) que preconiza a igualdade de direitos entre todos os moradores deste país. No entanto, ela torna-se um mito, uma vez que esta igualdade não existe de fato, o que é visível quando se observa, por exemplo, que o acesso aos bancos escolares de boa qualidade é limitado à população branca e o acesso aos cargos de primeiro escalão também é limitado aos brancos. Vive-se uma farsa de igualdade, onde os presídios e manicômios traduzem esta realidade cruel. A maioria dos presidiários é

³ Grifo para chamar atenção de que esta afirmação do antropólogo é questionável, uma vez que o racismo impossibilita a coesão.

composta de negros e miscigenados (prostitutas, crianças e idosos de rua). A situação econômica dos afro-descendentes é, portanto, muito séria. De acordo com dados de Reichmann (1995):

Em 1980, somente 2,7% da população economicamente ativa de pretos e pardos ocupavam posições de chefia (podemos estar certos de que muito poucas mulheres negras encontram-se nesta posição), ao mesmo tempo em que 55% dos negros estavam engajados em trabalho manual. Dados de 1987 para Grande São Paulo indicaram que o desemprego era 2 a 3% maior entre negros do que entre brancos em todos os setores econômicos, com as mulheres negras tendo o maior índice de desemprego (13,9%). A participação da população negra na construção civil e em serviços domésticos era o dobro da branca. Entre todos os setores (exceto o de serviços domésticos), os brancos ganhavam salários 57 a 73% mais altos do que os pretos e pardos trabalhando nas mesmas ocupações. Quatro vezes mais brancos do que negros eram empregadores. (p. 497)

Vários argumentos são apresentados para explicar como no mercado de trabalho, os afro-descendentes são discriminados, ao ponto de serem eliminados do mercado, através da famosa e célebre frase: "exige-se boa aparência". No entanto, independentemente de qualquer explicação ou polêmicas que possam surgir em torno deles, os dados nos mostram que a população de origem africana sofre com o racismo, um racismo que foi chamado pela *Folha de São Paulo* de Racismo Cordial⁴.

E, essa crença de que há oportunidades iguais para todos, é conhecida por mito da democracia racial, que funciona tanto simbolicamente como de forma concreta. Durante muito tempo achávamos que eram muito mais simbólicas, de acordo com análise de González (1985), porém os dados atuais apresentam uma intolerância racial, que pode ser vista quando um negro adentra uma agência bancária, onde o detector de metais sempre o impede de entrar, levando-nos a esvaziar bolsas, bolsos: uma violência!

Mais uma vez poderíamos enumerar as diversas situações de constrangimento e revolta a que os afro-descendentes são submetidos. Entretanto, foi este conjunto de atitudes em busca de uma mudança na relação entre dominador e dominado, que evidenciou ser racismo no Brasil, não apenas um

⁴ 'Racismo Cordial' é o título do livro publicado a partir das análises das pesquisas feitas pela *Folha de São Paulo* sobre o racismo no Brasil. Particularmente, não nos foi possível ver cordialidade na forma como são tratados os afrodescendentes aqui.

problema de luta de classe. É de classe, de etnia e de gênero, uma vez que são as mulheres negras as que mais sofrem com a situação, o que você poderá verificar na cartilha que trata a questão da mulher negra.

Especificamente sobre os livros didáticos, é possível enumerar uma série que omite a presença dos diferentes tipos e posições do negro brasileiro. As imagens são sempre as mesmas, mulheres negras sempre são apresentadas como empregadas domésticas, as crianças negras e mestiças como rebeldes ou com hábitos higiênicos desaprovados socialmente. Vale um parênteses aqui para lembrarmos da figura do Cascão, o único menino negro da história do Maurício, que vive sujo e não gosta de tomar banho.

Tais valores foram sedimentando a cultura racista e reservando para a população afro-brasileira muita revolta e o nascimento de uma vontade enorme de lutar. A seguir, veremos que para modificar esta situação, pessoas se organizaram em torno dos Movimentos Negro e de Mulheres Negras para, num primeiro momento, denunciar e, agora, reconstruir a sociedade fundamentada em novos valores.

Os movimentos sociais procuram modificar esta situação

Ao tentar apresentar um outro modelo de sociedade, mesmo que seu perfil ainda não esteja totalmente definido, as inúmeras lutas empreendidas pela população oprimida objetivam transformações positivas e muitas vezes batalhas foram travadas para atingir tais sonhos, o da liberdade e do respeito.

Assim, a população afro-descendente, ao longo de toda a existência deste país, contraria a visão de harmonia entre os diferentes grupos e demonstra que a contestação do modelo dominante é constante. A título de ilustração, vale lembrar a Revolta dos Malês, a dos Alfiates, a Cabanagem, a Sabinada e a Balaiada, a formação de inúmeros quilombos, entre outras (Salle, 1988). Todas elas contaram com a participação fundamental de negros, de trabalhadores sofridos e explorados.

Assim, o papel desempenhado pelos Movimentos Negros – mais recentemente pelo Feminismo Negro (Lemos:1997) - que, sem dúvida alguma, vêm, ao longo dos séculos, contestando a exclusão vigente no país, apesar de ainda não ter conseguido alcançar o seu objetivo maior, que é a democracia etno/racial, transforma suas ações no termômetro para graduar o caminho na construção deste objetivo. Concordando, mais uma vez, com as idéias de Winant (1994), podemos afirmar que os Movimentos Sociais, como os Movimentos Negros, “recriam a sociedade civil expandindo o território da política. Tornam públicos os temas que eram antes considerados pessoais ou privados - ou seja, impróprios

para a ação coletiva. Nestes grupos encontrava-se sob novas formas (pela primeira vez) uma gama de temas democráticos radicais - religiosos, feministas, localistas, mas principalmente "humanistas". (p. 123)

O primeiro aspecto que gostaríamos de salientar, como de grande relevância nos movimentos sociais, consiste no estabelecimento de denúncias sobre a vivência da negritude como negatividade pelos descendentes africanos em nossa sociedade. Isto é, à força de ouvir repetidas vezes que "ser negro é ruim", os descendentes de africanos acabaram por incorporar uma imagem negativa de si mesmos, imagem está que só recentemente vem sendo contestada com maior ênfase e frequência. Memmi (1977), afirma que "o colonizado em revolta começa por aceitar-se e querer-se como negatividade". (p. 118)

Os movimentos de contestação nascem para eliminar a visão imposta pelo dominador, de que o *outro* é inferior, que sua cultura é primitiva, selvagem. Ou seja, tais movimentos são fundamentais na desconstrução do mito do negativo, como exemplarmente este autor nos faz concluir.

O segundo aspecto que podemos destacar, e que é decorrência do primeiro, diz respeito ao enaltecimento de valores positivos no negro, acarretando a elevação da estima dos afro-descendentes. Assim, com o constante discurso afirmativo da negritude foi possível apontar novos valores ligados à estética, inteligência e sociabilidade dos afro-brasileiros.

Para Munanga (1983), este novo conceito de negritude:

... foi elaborado por volta de 1935 nos meios intelectuais negros de Paris...eles descobriram que, embora tivessem assimilado plenamente a cultura ocidental, no plano social, a discriminação continuava sendo praticada com base na diferença de pele... Aimé Césaire, Léopold Sédar Senghor e Lélia Damar, seus inventores, o definiram como "consciência de ser negro, simples reconhecimento de um fato que implica aceitação e tomada de responsabilidade de seu destino de negro, de sua história e de sua cultura". (p. 79)

A formulação do conceito, no entanto, é posterior à sua realização social e política. Negros em várias sociedades já estavam em movimento no sentido de desenvolver a consciência e aceitação de sua etnia. Como bem o definiu Memmi (1977), "Ao mito negativo, imposto pelo colonizador, sucede o mito positivo de si mesmo, proposto pelo colonizado" (p. 119). E, assim, foi possível trabalhar a auto-estima do negro quotidianamente, uma vez que, como bem assinalou Vânia Santana (in Lemos, 1997):

A auto-estima não é uma coisa que tá lá e você tem para a vida toda, você tem que estar alimentando isso, atendida nas coisas e evidentemente, não deixar com que as atitudes racistas, a prática racista, a sociedade racista, venha aniquilar o seu eu, o seu self.

Na verdade, é uma busca de se valorizar, de ver aspectos positivos mesmo que categorias negativas criadas pelo branco o desqualifique, que as organizações que buscam os direitos humanos são eficientes. Vale destacar que o movimento de revolta contra o racismo vivido pelo não branco, está presente também em diversas sociedades. Malcolm X, por exemplo, em 1937, já falava do tempo em que, para ser presidente de sua turma no ginásio nos Estados Unidos, teve que mudar suas atitudes, o que o levou a uma negação de sua negritude: *"Naquela ocasião, não tinha realmente o sentimento de ser um negro, porque estava me esforçando arduamente, por todos os meios possíveis, em ser branco".* (p. 41)

O que Malcolm X deixa claro anos depois, em sua autobiografia finalizada por Haley (1992), é que sua atitude ia além de uma negação da negritude, uma vez que envolvia a introjeção dos valores dos brancos nos negros americanos. Até a tomada de consciência por parte da população negra desta imposição dos valores do europeu branco, os simbolismos das relações étnicas/raciais tiveram momentos dolorosos. O mesmo militante negro, Malcolm X, discorre sobre o trauma psicológico a que estavam submetidos os afro-americanos, quando optavam pelo alisamento de seus cabelos. Malcolm X, ao falar do ato de alisar seus próprios cabelos, afirma:

Foi o primeiro passo realmente grande a caminho da autodegradação: suportar toda aquela dor, literalmente queimar minha carne, só para fazer com que meus cabelos ficassem parecendo com os de um branco. Eu me juntava à multidão de homens e mulheres negros da América que sofreram uma lavagem cerebral tão grande até acreditarem que os pretos são "inferiores"- e os brancos "superiores"- e que devem até mesmo violar e mutilar os corpos que Deus criou para tentarem parecer "bonitos" pelos padrões dos brancos. (pp. 62-63)

Assim, o movimento de afirmação e de valorização do ser negro, a consciência da negritude, desempenha papel importante na busca de identidade de um povo que sofreu e sofre diversos estigmas. Não podemos negar que as ações do Movimento Negro e do Feminismo Negro brasileiros, ao incentivar o uso do cabelo natural para mulheres e homens, contribuiu para

diminuir o sofrimento físico e psicológico por que toda mulher e criança negras passaram⁵.

Ao consolidar seu espaço enquanto porta-voz da luta por uma democracia racial, os movimentos sociais colocam na ordem do dia o fim racismo. De acordo com Rouanet (1994), o surgimento deste movimento, juntamente com outros movimentos de busca de identidade, apontam para o fato de que "Vivemos numa época em que as categorias de 'identidade nacional' ou 'étnica' ou 'cultural' voltam a circular como se fossem novíssimas; em que pertencer as etnias ou estados nacionais passa a ser mais importante que pertencer ao gênero humano...".

Entendemos, que a busca da "identidade negra" foi uma maneira de dizer aos grupos dominantes que o negro e o miscigenado pertencem ao gênero humano, uma vez que, ao longo da formação de nossa sociedade, este conceito de negro e mestiço como humano sempre foi mal interpretado. Quando a militância negra afirmou o conceito de identidade, queria definir-se a partir de seu próprio olhar, utilizando suas próprias categorias e não a partir do olhar e de categorias alienígenas. E se ainda hoje discutimos esta questão, a partir de uma ótica distinta das anteriores, é com a intenção de rediscutir temas passados, como um instrumento para acender a chama da ética na sociedade atual.

Os Movimentos Negro e o Feminismo Negro, cujo papel inicial foi principalmente o de buscar uma identidade e denunciar o racismo, juntamente com um enaltecimento dos valores positivos da população afro-brasileira, apontam para a necessidade de se consolidar parcerias para organizar ações concretas visando a erradicação do preconceito étnico/racial.

Gostaríamos de ressaltar este último aspecto, isto é, o nascimento da consciência de que todo tipo de atitude racista deve ser extirpada da sociedade. E, neste sentido, não está em jogo agora se a pessoa racista é branca ou negra, mas sim o investimento na extinção de toda e qualquer prática racista presente no dia a dia. E, para desenvolver esta empreitada, a palavra chave é parceria.

É certo que ainda não encontramos uma forma para alcançar a unidade em ações que visem eliminar as práticas racistas, porém a atual fase dos Negros, poderá ser potencializada para que, as ações não ocorram regidas apenas pela emoção e pela revolta que nortearam o início desta organização. Hoje,

⁵ Os homens também alisavam seus cabelos, porém esta prática era mais presente entre as mulheres e meninas. Depois de colocar henê (creme de alisamento), os homens colocavam uma touca, feita com pedaço de meia fina amarrado numa das extremidades. O cabelo ficava ondulado e rente à cabeça, como se dizia, "amansado".

percebemos que todas as ações foram válidas e, temos a certeza de que é através das crianças e jovens, que garantiremos a vida na sua forma mais ampla de senti-la, respirando liberdade e respeito à diversidade.

A criança, o jovem e a formação do conhecimento

O universo infantil, estudado por inúmeros pedagogos e psicólogos, fundamenta-se na tentativa de encontrar explicações sobre um determinado objeto em função de suas experiências ora coerentes, ora contraditórias. A criança sempre recorre a objetos e acontecimentos concretos presentes, no seu espaço momentâneo, para encontrar e dar respostas às situações a que esteja exposta. (Piaget, 1979. p. 355)

Assim, não existe mágica, e sim interações entre o ver, o sentir, o fazer, o reproduzir. A formação de conhecimento então, não é um processo mecânico e passivo pois estes surgem e se configuram no curso de uma operação complexa, voltada para solução de algum problema. A realidade possibilita a interação entre o sujeito e o conhecimento sobre o objeto.

Esta interação muitas vezes se expressa através da palavra, só se constitui a partir de pressupostos essenciais para a criação ou reformulação de um conceito. Faz-se necessário também, como define Vygotsky (1987, p. 51), levar em conta o crescimento social e cultural do adolescente, que afeta não apenas o conteúdo, mas também o método de raciocínio do estudante.

Traduzindo esta reflexão para o universo infantil, a criança ao perceber o mundo, costuma indagar sobre os fenômenos observados. O olfato, a visão, o tato e a audição são suas primeiras formas de comunicação.

"E em se tratando de um olhar sociológico – infantil e juvenil -, ao se deparar com informações discutidas até então, sobre o que é ser negro na sociedade brasileira, os conceitos veiculados funcionam como base de sustentação para a elaboração de outros conceitos mais complexos, possibilitando a ocorrência da aprendizagem" (Moreira, 1985, p. 63). Porém, no caso da população negra, nem sempre a aprendizagem é isenta de estereótipos e preconceitos.

Assim como Moreira (1982, p.256) alerta para o papel dos livros didáticos de ciências, que estabeleceram uma simplificação do trabalho docente em detrimento da reflexão e intervenção interativa entre o que se vê, e o que se quer construir como ciência, este mesmo livro didático desempenha a mesma função ao abordar a população afro-descendente aqui no Brasil.

Um repensar sobre o livro didático tem sido uma constante nos meios acadêmicos, porém só agora podemos de fato caminhar para uma mudança

radical. Neste sentido, a atual reformulação do Ensino, introduzindo os temas transversais nos PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais, demonstra a importância da discussão e reelaboração deste instrumento educacional, considerado por uma parte dos educadores como vilão, por tanto atormentar – e prejudicar - a educação brasileira.

Para Bronowysky (1977), assim como para nós:

Os passos dados desde a astronomia de Ptolomeu até a de Newton e daí até a relatividade, são precisamente degraus de aprendizagem. Cada passo corrige o erro pequeno mas demonstrável que se abriu entre a predição e o fato. Não desdenhem os erros; são o fulcro em torno do qual se move o processo vital. (pág. 96)

Baseados nos pontos que nortearam a modelagem da ideologia racista, visíveis nos livros didáticos, os quais não contemplam o respeito à diversidade etno/racial, sugerimos aos educadores e educadoras, tentarem nas comunidades, escolas, terreiros, tornar sua ação profissional transcendente a esta situação, pois " a esperança não floresce na apatia", como tão bem nos ensinou o educador Paulo Freire. (1993, p.9)

São os livros didáticos os vilões ?

O livro didático assim como a família, a escola, a televisão, e outros meios de propagação de conhecimentos, cultura e informação exerce papel fundamental na formação individual e coletiva.

No entanto, muitas vezes não ficam estabelecidas coerências entre todos estes recursos de formação do saber.

Durante muito tempo, o livro didático foi considerado o grande vilão para a propagação de informações preconceituosas, que exprimiam a ideologia da classe dominante. Mas não temos conhecimento de que o livro saiu com suas próprias pernas e se instalou na mesa do estudante.

Entra em cena o papel do professor. Como professora quero não ser corporativista e terei de reconhecer, que inúmeros colegas optam pelo livro didático achando que reduzirá seu trabalho profissional.

Isto é uma grande armadilha, pois num momento em que o mundo passa por um processo de globalização, desconsiderar as informações veiculadas como flash é pouco pedagógico. Outros recursos ao longo dos tempos se mostram também importantes, o rádio, o jornal e a televisão. O cinema, com a popularização dos aparelhos de vídeo.

Logo, o grande equívoco na utilização dos livros é considerá-los os únicos formadores do conhecimento nos estudantes. E mais, sabemos que as informações contidas nos livros, como já falamos anteriormente, reforçam os estereótipos e segregam pessoas.

No ano de 1988, a pesquisadora Eloísa Hofling publicou sua pesquisa, na UNICAMP, que analisou conceitos de cidadania presentes nos livros didáticos de estudos sociais, das edições de 1987, e chegou à seguinte constatação:

Com inúmeras distorções na abordagem da realidade, o material didático analisado reduz o conceito de cidadania ao pior significado do termo... "afinal, que cidadão será esse, caso seja preparado para viver numa sociedade sem conflitos, onde tudo funciona direitinho e a realidade aparece como algo estático, acabado e impermeável a questionamentos em geral? ...a não abordagem da dinâmica de como os fatos ocorrem poderá dar à criança a impressão de que tudo acontece através de toques de mágica" (pp. 44 - 45)

Poderíamos citar as distorções presentes nos livros de ciências que não só apresentam conceitos científicos errados, como usam e abusam de imagens preconceituosas.

Recentemente, tivemos notícia do papel importante desempenhado pelo Ministério de Educação e de Desporto, ao fornecer uma extensa lista com livros didáticos impróprios para serem usados na educação de nossos jovens e crianças. Este trabalho originou o Guia de Livros Didáticos de 5ª à 8ª séries. Segundo relatório da equipe de Ciências:

Um texto didático deve atentar para os efeitos que exerce sobre a formação do educando, em suas diversas dimensões. Sua formação intelectual, moral e ética é influenciada, em diversos sentidos, pelas ações desenvolvidas no seio da escola. Os textos didáticos têm parcela de responsabilidade no desenvolvimento de padrões de comportamento, que resultam de representações determinadas da realidade que envolvem decisões e políticas editoriais. Elas podem contemplar, prestigiar e promover segmentos determinados da sociedade, bem como, ao contrário, escamotear aspectos da realidade ou depreciar outros segmentos sociais" (pesquisa on line. Guia de Livros Didáticos, p. 4)

Ao ser divulgada a lista de livros que incorriam nos pontos levantados acima, vimos que as editoras se disseram perseguidas. Para nós não existe perseguição

maior que a imposta aos afro-descendentes e explicitadas nos livros que a maioria destas editoras publicam.

Além da relevância do Guia dos Livros Didáticos de 5º à 8ª séries, a divulgação dos livros que não foram recomendados, por apresentarem inúmeras distorções merece destaque.

Neste sentido, corroboramos ainda com a equipe que analisou os livros de Ciências quando nos diz:

Um texto didático deve estar atento ao retratar a figura humana, evitando estereótipos e associações que depreciem grupos étnicos ou raciais, ou que desvalorizem a contribuição que todos os diferentes segmentos da comunidade podem dar para seu desenvolvimento do convívio social pacífico e respeitoso. Associar imagem de pobreza aos negros ou indígenas, apresentar qualificações valorizadas socialmente como restritas aos brancos, especialmente loiros de olhos azuis, restringir atividades intelectuais ao sexo masculino e tarefas domésticas ao sexo feminino são decisões editoriais que colocam em risco a integridade moral e ética do aluno e que o predispõe contra o convívio social equilibrado” (pág.4)

O livro pode ser usado, mas com muito cuidado, pois a tarefa de formar cidadão nunca pode ocorrer sob o estigma deste ou daquele povo.

Além dos livros didáticos: alternativas viáveis

Como entendemos que o livro didático poderá ser utilizado, mas com muito critério, resolvemos auxiliar seu trabalho docente ou na comunidade, para que você trabalhe conceitos junto às crianças negras e mestiças.

São atividades interdisciplinares, que tornarão sua ação educativa mais motivante e cidadã.

Sugestões para você combater o racismo

- Solicite os livros que a escola está adotando;
- Marque todas as situações em que são colocadas pessoas;
- Compare as situações ilustradas dos brancos, negros, mestiços e índios;
- Promova um debate!

Faça uma pesquisa

- Cada local tem uma história; pesquise a história étnico/racial;
- Entreviste pessoas idosas e peça que relatem histórias do “tempo passado”

- Convide-a para expor sua experiência para um grupo maior;
- Vai ser legal!

Promova uma oficina de estética/étnica e faça um desfile

- Convide alguém que seja profissional em cabelo ou indumentária;
- Faça uma oficina reforçando a imagem positiva das crianças e jovens – negros, mestiços e brancos;
- Monte um painel com os seguintes temas:
 - 1) Negro é lindo
 - 2) Mulher Negra: beleza e coragem
 - 3) O Brasil e a população, dentre outros:
- Faça o cabelo, a sobancelha dos alunos
- Coloque roupas se preferir
- Desfile e mostre sua beleza!

Fale da escravidão, mas fale das outras participações

- Você sabia que o nome do túnel Rebouças foi em homenagem ao arquiteto negro, André Rebouças?
- Então, como ele, temos inúmeros nomes de escritores, poetas, escultores, que têm sua origem étnica não mencionada. Falar que eles eram negros é super importante.
- Eleve a autoestima das crianças e jovens.

Solicite uma pesquisa

- divida a turma em grupos.
- organize as seguintes categorias: negro na política; negro na economia; negro na educação; negro na literatura e o que mais achar interessante
- faça um mural para que um grande número de pessoas tenha acesso

Raça é de cachorro, de gato... Não se aplica a humanos

Uma dica para você aprofundar e se fundamentar nesta discussão:

Você poderá fazer com este texto

- 1) Estudar a Origem das Espécies, de Darwin
- 2) Estudar a diversidade existente no reino animal e vegetal
- 3) Desenvolver o senso crítico em relação ao emprego do termo "raça"
- 4) Estudar genética
- 5) Fazer visita ao zoológico para estudar as diferentes raças de animais irracionais

Discuta educação com seu grupo

Utilize a frase a seguir, do grande educador Paulo Freire e discuta a realidade educacional do grupo em que você trabalha ou atua. Faça uma pesquisa na

comunidade para recolher dados sobre a situação dos afro-descendentes. Quantos estudam, que série, motivos que os levaram a abandonar o estudo, situação educacional das mulheres, dos homens. Enfim, dê asas à sua imaginação!

A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem.

Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. (Freire, 1986, p. 96)

Jogos: educação e diversão

Se existe uma unanimidade entre os humanos, está é a diversão. Elabore jogos que falem sobre a questão.

Sugerimos a brincadeira "Seu mestre mandou".

- Uma pessoa grita: "Chicotinho queimado um, dois, três"
- "Tudo que seu mestre mandar"
- O grupo responde: "Faremos todos"
- O mestre retruca: "E se não fizer?"
- O grupo: "Levaremos bolo"
- Então o mestre dá a ordem. Que em nosso caso podem ser:
- "Vá ali e pegue uma pessoa que luta contra o racismo e peça para ela falar algo"
- A cada tarefa soma-se pontos e no final o ganhador não ganha "bolo".

Você poderá lembrar-se de tantas outras brincadeiras de sua infância...

Bibliografia

- ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. São Paulo, Paz e Terra, 1995.
- BARCELOS, L. C. *Educação: um quadro de desigualdades raciais*. Rio de Janeiro, Cadernos Cândido Mendes: Estudos Afro - Asiáticos, nº 23, 1992.
- BRONOWSKY. *O senso comum da Ciência*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia; São Paulo, Ed. USP - EDUSP, 1977.
- EYSENCK, H. J. *Raça Inteligência Educação*. Rio de Janeiro, Livraria Eldorado Ltda., 1971.
- FERNANDES, F. *Circuito fechado*. São Paulo, HUCITEC, 1979
- FIGUEIRA, V.N. *O preconceito racial na escola*. Rio de Janeiro, Cadernos Cândido Mendes Estudos Afro-Asiáticos, nº 18, 1990.
- FREIRE, Paulo. *Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 13ª edição, 1986.
- _____. *Nós podemos reinventar o mundo*. São Paulo, Revista Nova Escola, nº 71, 1993.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975
- GOMES, H. T. *As Marcas da Escravidão*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/EDUERJ, 1994.
- HASENBALG, C. A. e SILVA, N.V. *Raça e oportunidades Educacionais no Brasil: Cadernos Cândido Mendes Estudos Afro-Asiáticos*. Rio de Janeiro, nº18, 1992.
- SILVA, T. T. da. *Territórios Contestados*. Petrópolis, Vozes, 1995.
- _____. *Alienígenas de Sala de Aula*. Rio de Janeiro, Vozes, 1995.
- HALEY, A. *Malcolm X*. Rio de Janeiro, Record, 1992.
- HOLANDA, S.B. de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora - Instituto Nacional do Livro, MEC, 6ª edição, 1971.
- LEMOS, R. *Feminismo Negro em Construção: a organização das Mulheres Negras no Rio de Janeiro - 1978/1996*. Rio de Janeiro, UFRJ - Dissertação de Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 1997.
- MEMMI. *Retrato do Colonizado Precedido Pelo Retrato do Colonizador*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- MIES, M. *Meio Ambiente e Controle de população*. São Paulo, Palestra proferida na Câmara Municipal de São Paulo, 1991.
- MOURA, C. *Sociologia do Negro Brasileiro*. São Paulo, Ática, 1988.
- MOREIRA, M.A. *Ensino e Aprendizagem - enfoques teóricos*. São Paulo, Editora Moraes, 1985.
- _____. e Masini, E.F.S. *Aprendizagem Significativa a Teoria de David Ausubel*. São Paulo, Editora Moraes Ltda., 1982.
- MUNANGA, K. *Algumas reflexões críticas sobre o conceito de negritude no contexto afro-brasileiro*. Rio de Janeiro, Centro de Estudos Afro Asiáticos, 1983.
- PIAGET, J. *A construção do real na criança*. Rio de Janeiro, Zahar, 2ª edição, 1979.
- PETIT, V. *La Reproduction*. São Paulo, Caderno de Pesquisa, nov./1992.
- PIRSIG, R.M. *ZEN e a arte de manutenção de motocicletas- uma investigação sobre valores*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 9ª edição, 1991.

REICHMANN, *Mulher Negra Brasileira: um retrato*. Rio de Janeiro, IFCS, UFERJ - PPCIS/UERJ, 1995. [Estudos Feministas]

RIBEIRO, D. *O Brasil como Problema*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1996

ROUANET, H. *Identidade e Diferença: uma tipologia*. Rio de Janeiro, Sociologia e Estado, v. 4, Relume-Damará, 1994.

SALLE, V. *O Negro no Pará*. Pará, Ministério da Cultura e Secretaria Estadual da Cultura Fundação Cultural do Pará "Tancredo Neves", 1988.

SHWARCZ, L. M. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

SKIDMORE. *Preto no Branco*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.

TODOVOV, T. *A Conquista da América: a questão do outro*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo, 2ª edição, Martins Fontes, 1987.

WINANT, H. *Repensar a raça no Brasil*. Rio de Janeiro, Sociologia e Estado, v. 4, Relume-Damará, 1994.

WEST, C. *Questão de raça*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.

A AUTORA Rosália de Oliveira Lemos é Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social - EICOS/UFRJ; especialista em Ensino e Química - UFF e em Educação Ambiental, UFF/UFRJ; bacharel e licenciada em Química - UFF; concursada pela Secretaria Estadual de Educação do RJ e pela Escola Técnica Federal de Química/RJ - UnED de Nilópolis, como professora de Química. Atuou em equipe no Espaço UFF de Ciências, desenvolvendo projetos de extensão universitária, de 1991 a 1999. De 1983 a 1992 trabalhou no Programa de Creches e Escolas Comunitárias, Geração de Renda e em Educação Ambiental, na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social.

Na militância política, fez parte do NZINGA: Coletivo de Mulheres Negras/ RJ, da Associação de Moradores do Morro do Andaraí, do GAECO-MUNEMA - Mulher Negra e Meio Ambiente e atuou no Fórum Estadual de Mulheres Negras do Rio de Janeiro. Como feminista negra fundou a E'LEÉKO: Gênero, Desenvolvimento e Cidadania. Coordena o Projeto Etnociências, tendo sido a responsável pela publicação Cadernos Etnociências, destinados ao combate ao racismo no ensino fundamental, baseados nos temas Transversais dos Novos Parâmetros Curriculares. Elaborou os projetos "Um Pé no Terceiro Milênio", que forma 30 jovens na área de informática e cidadania e o projeto "Quando o Negro é Tese e Faz Tese", que discute a produção acadêmica de afro-descendentes na academia. É autora do conto "Fragmentos de Vida 1: o transe de Kisi", aprovado no 1º Concurso Literário e Ensaístico sobre a condição da mulher negra Lélia González, Rio de Janeiro. Publicou o artigo "A face negra da percepção ambiental", na série Pensamento Negro na Educação - Núcleo de Estudos Negros - NEN. Presta consultoria a diversas instituições. No ano de 1999, passou a integrar a equipe técnica do CEDIM - Conselho Estadual dos Direitos da Mulher.

O Negro na Educação e nos Livros Didáticos é uma publicação do Centro de Articulação de Populações Marginalizadas CEAP, Rua da Lapa, 200 ~ gr.809 - Centro, Rj - CEP: 20021-180 - tels: (021)

509-67711509-4413 fax: (021) 509-2700 e-mail: ceap@ax.apc.org - home Page:
www.alternex.com.br\ceapEdição e produção: Espalhafato Comunicação e Produção. Ilustrações: desenhos produzidos por crianças e adolescentes em diversas oficinas. Coordenação Geral: Éle Semog
Rio de Janeiro, 1999

A série Cadernos CEAP, parte integrante do projeto Guia de Direitos do Brasileiro Afro-Descendente, reflete a preocupação do CEAP - Centro de Articulação de Populações Marginalizadas com o processo de formação de consciência crítica para o exercício da plena cidadania. Esse princípio institucional, que traduz uma das estratégias de intervenção da organização no contexto do racismo praticado no Brasil, vem possibilitando novas posturas sobre a questão e ampliando as alternativas para o avanço de propostas efetivas de combate às diversas formas de preconceito e de discriminação.

O maior desafio que o CEAP tem encontrado ao longo desses 10 anos de existência da instituição é de sensibilizar homens e mulheres, negros e brancos, bem como as crianças e os adolescentes, para a gravidade e os prejuízos que o racismo causa à nação brasileira.

Para vencer esse desafio temos contado com parcerias importantes, sensíveis a essa luta, nos três níveis de governo, na sociedade civil organizada e na solidariedade internacional, pois há um convencimento, ainda que não explícito e não generalizado de que o melhor caminho para a democracia é o respeito pelas diferenças e pelas singularidades humanas.